

# HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

v. 15, n. 2

## SUJEITO, CORPO, MATERIALIDADE E PERFORMACES DE GÊNERO

Uma introdução ao pensamento de Judith Butler

AGNES CAROLINE ALVES DE SOUZA VALENTE<sup>1</sup>

BÁRBARA ARAÚJO SORDI<sup>2</sup>

DANIELLE SEABRA NEGRÃO DA SILVA<sup>3</sup>

MARCIO BRUNO BARRA VALENTE<sup>4</sup>

### Resumo

Considerando a relevância da autora Judith Butler para a atualidade dos estudos de gênero, sendo ela uma autora necessária na construção de um projeto de pós-graduação em Psicologia da UFPE. Para tanto, objetivamos realizar uma aproximação de sua obra a partir das seguintes obras: Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade (1990/2008), Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-moderno (1998) e Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo (2001). A partir das leituras destacamos o lugar dos estudos produzidos pela autora no que tange os estudos de gênero, algumas noções como sujeito, corpo, materialidade, abjeto e performance de gênero. Por fim, de maneira breve, destacamos algumas influências filosóficas presentes na obra da mesma.

**Palavras chave:** Gênero; feminismo; teoria *queer*; performances de gênero.

---

1 Psicóloga; Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA); Belém, Brasil. Email: [agnes\\_souza@hotmail.com](mailto:agnes_souza@hotmail.com)

2 Psicóloga; Universidade da Amazônia (PA); Belém, Brasil. [barbarasordi@hotmail.com](mailto:barbarasordi@hotmail.com)

3 Estudante de Psicologia; Universidade da Amazônia (PA); Belém, Brasil. Email: [danielleseabra17@gmail.com](mailto:danielleseabra17@gmail.com)

4 Psicólogo; Universidade da Amazônia (PA); Belém, PA, Brasil. Email: [barra\\_valente@yahoo.com.br](mailto:barra_valente@yahoo.com.br)

## **Abstract**

*Considering the relevance of the author Judith Butler for the actuality of the gender studies, being a necessary author in the construction of a postgraduate project in Psychology of UFPE. For that, we aim to make an approximation of her work from the following works: Gender Problems: Feminism and Subversion of Identity (1990/2008), Contingent Fundamentals: Feminism and the Postmodern Issue (1998) and Bodies That Weigh: On the discursive limits of sex (2001). From the readings we highlight the place of the studies produced by the author regarding gender studies, some notions such as subject, body, materiality, abject and gender performance. Finally, briefly, we highlight some philosophical influences present in the work of the same.*

**Keywords:** *Gender; feminism; Queer theory; Gender performances*

\* \* \* \* \*

## **APRESENTAÇÃO**

Nosso objetivo neste artigo é possibilitar uma aproximação com alguns conceitos (sujeito, corpo, materialidade e performances de gênero) de Judith Butler cujas contribuições no cenário mundial e nacional, especialmente no campo de estudos sobre gênero, ganham notoriedade. Para tanto, utilizaremos alguns textos da autora como *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (1990/2008), *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-moderno* (1998) e *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo* (2001).

Ressaltamos estes textos da autora para evidenciar que minhas interpretações e inferências não podem ser generalizadas para além deles. Além disso, trabalharei com autoras que se debruçam sobre a obra de Butler como Berenice Bento (2006) e Karla Bessa (1998). No final deste artigo, objetivamos ainda destacar, de maneira pontual, a partir do pensamento da autora, suas influências teóricas, especialmente no que tange o pensamento de Foucault, Derrida e Austin.

Para tanto, este artigo está organizado em quatro tópicos de trabalho. No primeiro, destacamos brevemente a trajetória dos estudos feministas de gênero. No

segundo, voltamo-nos a obra da autora analisando os conceitos de sujeito, corpo e materialidade de Butler. No terceiro, finalmente, analisamos a noção de performances de gênero e, finalmente, no quarto tópico, destaco influências filosóficas presentes no trabalho dessa autora.

## **ESTUDOS FEMINISTAS DE GÊNERO**

### **a) Os estudos sobre mulheres: rumo universalização**

Teresita Barbieri (1993) argumenta que os estudos sobre gênero ressurgem nos anos 60 do século XX a partir dos movimentos feministas que exigiam compreender e explicar a condição de subordinação das mulheres. Rapidamente foi diagnosticado que as disciplinas sociais e humanas não se dedicavam ao assunto: não havia pesquisas que discutissem a respeito, uma história sobre o tema, nem mesmo que justificassem a desigualdade entre os sexos naquele momento histórico, demasiadamente evidente. A dominação e predomínio dos homens sobre as mulheres não era estudada.

A autora afirma que a primeira proposta deste movimento feminista era construir uma teoria revolucionária capaz de quebrar a ordem existente da dominação dos homens a partir das experiências cotidianas, uma vez que essa não era localizada em um espaço nem centralizada na figura do Estado, por exemplo. A dominação estava diluída em diferentes espaços sociais: nas instituições públicas e privadas, igrejas, ruas, residências, universidades, etc. Não obstante, identificou-se a subordinação feminina como produto da ordem patriarcal que se atravessava todos os espaços sociais.

Ademais, argumenta que um contingente de mulheres acadêmicas, de vários países, dedicou-se a investigar e produzir conhecimentos sobre as condições de vida das mulheres; resgatar, do passado e presente, contribuição para compreender a cultura e a sociedade e torná-las visíveis na história e na vida cotidiana. Outro contingente realizou estudos sobre a sociedade como geradora da subordinação das mulheres pelos homens, definindo pouco a pouco o sexo como social, analisando o conjunto de práticas, símbolos, normas, representações e valores a partir dos quais a diferença anatômico-fisiológica dava sentido às relações humanas, sejam sexuais,

reprodutivas ou cotidianas, através da qual se legitimava desigualdade entre os sexos (BARBIERE, 1993).

Bento (2006) afirma que, inicialmente, os estudos sobre os gêneros que explicam a subordinação das mulheres foram construídos com base na tradição do pensamento moderno, cuja interpretação sobre os gêneros se estruturava a partir de uma perspectiva oposicional/binária e de caráter universal. Para a autora, *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949, originalmente, é um exemplo deste momento da universalização da dominação da mulher. Tal obra é um marco para o movimento feminista ao radicalizar a perspectiva de oposição entre homens e mulheres, por meio da compreensão dos processos históricos que legitimavam a subordinação feminina e por mostrar os mecanismos que dão consistência ao “tornar-se” mulher para além das características biológicas que legitimavam sua suposta inferioridade, constituindo-se em um movimento teórico de desnaturalização.

Bento (2006) destaca que o corpo, neste momento, é pensado como naturalmente dimórfico e enquanto uma folha branca na qual a cultura deixa sua marca por meio de uma série repetida incansavelmente de significados culturais. Ou seja, os corpos estão divididos pelo sexo masculino e feminino com suas características biológicas peculiares e naturais, sendo que, nestes corpos, cada sociedade com suas culturas imprimem suas marcas, valores, normas e sentidos, constituindo homens e mulheres que, radicalmente, diferenciam-se também enquanto gêneros e subjetividades.

A essencialização das identidades masculinas e femininas levou Beauvoir a afirmar que os homens não poderiam chegar a um acordo sobre os problemas das mulheres, seja porque não seriam capazes de sentir o que uma mulher sentia, dada as diferenças naturais e culturais, seja porque atuariam como juízes e réus já que a dominação das mulheres pelos homens é um dado histórico. Haveria uma assimetria fundamental entre ambos; de fato, para Beauvoir, o homem representaria o sujeito universal e a mulher seria o outro absoluto (BENTO, 2006; BUTLER, 1990/2008).

A autora destaca em seu trabalho diversas autoras<sup>5</sup> cujo estudos sobre gênero foram marcados pelo olhar universalizante da associação corpo-sexo e da assimetria e fixação entre os gêneros que determinariam as associações. Nestes,

---

5 A autora refere-se aos trabalhos de Nancy Chodorow, Sherry Ortner, Michele Rosaldo, Mireya Suárez.

em linhas gerais, são enfatizadas a diferença das mulheres em relação aos homens por terem a capacidade reprodutiva, ou pelo fato deles nortear suas ações pela objetividade, individualização, isolamento, por um modelo cognitivo analítico; enquanto elas, pela cooperação, subjetivismo, pelo modelo comportamental relacional. Assim, homens e mulheres ocupariam posições fixas dentro de uma estrutura hierarquizada e binária de gênero. A sociedade, então, profundamente cortada e dividida entre o público e o doméstico, sendo o primeiro ocupado pelo homem a partir de sua dominação.

São inúmeras as descrições que reiteram a oposição e o binarismo universais trazidas por Bento (2006) e Butler (1990/2008). Cabe ressaltar apenas que ambas as autoras afirmam que neste primeiro momento a visibilização da mulher enquanto categoria universal e do status universal do patriarcado correspondiam a uma necessidade de fortalecer as reivindicações do feminismo por meio de uma identidade coletiva, que mais tarde se traduziria nas discussões políticas nos espaços públicos.

Entretanto, afirma Bento (2006), simultâneo ao processo de institucionalização do feminismo, inicia-se uma discussão em seu interior acerca dessa estrutura conceitual marcada pela oposição universal do sexo. Nas reflexões internas se propõem repensar tal estrutura conceitual, assim como a construção de novas categorias de análise. Para a autora, a mudança que ocorre é orientada, especialmente, a partir das concepções de poder e da dimensão relacional para a construção das identidades de gênero.

## **b) O relacional no campo dos estudos de gênero**

Uma das mudanças empreitadas nos anos que se seguiram, especialmente nos anos noventa, foi o surgimento de estudos sobre as relações homem-mulher, mulher-mulher e homem-homem, embora ainda houvesse um predomínio dos estudos sobre as mulheres. Outra mudança foi que os estudos de mulheres (por mulheres, sobre mulheres e para mulheres) gênero passaram a ser realizados também por pesquisadores (com foco também sobre os homens e masculinidade), e o termo “gênero” deixou de ser sinônimo de mulher, feminismo ou estudo sobre mulheres (SCOTT, 1995).

Bento (2006) afirma que os estudos sobre as relações de gênero foram consolidados a partir da desconstrução da mulher universal, apontando outras variáveis sociológicas (etnia, classe, religião, sociedade, etc.) que foram articulados a fim de redefinir a identidade da mulher, que se fragmentou ou se diversificou em mulheres negras, brancas, conservadoras, pobres, camponeses, cidadinas, etc.

Este momento significou uma ruptura com o olhar que posicionava a mulher como portadora de uma condição universal subordinada que, ao longo da história (e ainda hoje) reiterou/gerou representações como da mulher-vítima, do homem-inimigo. Ao mesmo tempo, tal ruptura possibilitou o olhar relacional, como citado, cuja premissa básica é de que o masculino e o feminino se constroem relacionalmente e de forma simultânea e não em oposição radical, como destacado no subtópico anterior, e sim em um movimento complexificador do relacional. A oposição mulher e homem não seria uma ontologia, mas uma maneira da relação entre ambos ter sido construída e legitimada em dada cultura e sociedade.

Para a autora, o nome de Joan Scott é fundamental neste momento, uma vez que foi ela quem apontou a necessidade de se criar instrumentos analíticos que permitissem que os estudos se descolassem da empiria. A partir da leitura de autores como Foucault e Derrida, o primeiro com sua genealogia do poder enquanto o segundo com seu projeto desconstrutivista, Scott (1995) definiu gênero como (1) um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) uma forma primária de dar significado às relações de poder, ou melhor, um campo no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado.

Com Scott (1995) o termo “gênero” foi usado como categoria analítica, como instrumento metodológico para produção de conhecimentos em torno da construção, de reprodução e das mudanças de identidade de gênero. A autora, segundo Bento (2006, p. 75) “propõe um conceito que visa a abordar gênero a partir de uma ótica mais sistêmica, ao mesmo tempo em que chama a atenção para a necessidade de os cientistas tornarem-se mais autoconscientes da distinção entre vocabulário analítico e o material estudado”. Instrumental que possibilitasse perguntar sobre os processos históricos e políticos que se articulavam a formar determinadas relações entre homens e mulheres, retirando, assim, a suposta atemporalidade da estrutura binária e hierárquica como fato natural.

### c) O plural (e os limites) nos estudos de gênero

Bento (2006) argumenta que nas perspectivas “universais” e “relacionais”, a sexualidade, o gênero e a subjetividade foram pensados dentro de uma relação binária, por mais que tivessem proposto rompê-la. A autora afirma que foram os estudos *queer*<sup>6</sup> que apontaram o heterossexismo das teorias feministas e possibilitaram, ao mesmo tempo, uma despatologização das experiências identitárias e sexuais interpretadas como “problemas individuais” (transexuais, por exemplo, como se propôs a autora) e uma especial atenção as performances que provocam fissuras nas normas de gênero.

A autora destaca que os limites dos estudos de gênero foram evidenciados por autores e autoras (Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jeffrey Weeks, Gayle Rubin, Butler, Eve Sedgwick, para citar apenas alguns nomes<sup>7</sup>) que argumentavam um deslocamento teórico entre estudos sobre gênero e sexualidade a fim de possibilitar a visibilidade de grupos que divergiam das normas heterossexuais, por exemplo, o lésbico, a princípio, o transexual posteriormente. O desafio era construir teorias que habilitassem tais grupos, mas, ao mesmo tempo, que se contrapusessem a uma explicação referenciada nos corpos-sexuados e produzissem contra-discursos ao saber científico hegemônico<sup>8</sup>.

Jackien Susann (s/a) destaca a obra *A história da sexualidade I: A vontade de saber*, de Foucault, como um marco que evidenciou os limites dos estudos de gênero e iniciou uma maneira de problematizar a sexualidade. Em linhas gerais, o autor afirma que nossas ideias sobre sexualidade são construções modernas, pois datam de 1870 cujo marco se processou a partir da invenção do “homossexual” e, ao mesmo tempo, da sexualidade “verdadeira”, isto é, a heterossexual. Assim, aquilo que se julgava tão individual – a sexualidade – “seria resultado de uma articulação histórica do dispositivo<sup>9</sup> poder-saber, que põe e expõe o sexo em discursos,

6 Butler (2002, p. 57-58) afirma que “el término queer surge como una interpelación que plantea La cuestión de La fuerza y de La oposición, de la estabilidad y la variabilidad em el seno de la performatividad. Este término há operado como una práctica lingüística cuyo propósito há sido el de La degradación Del sujeito al quese refiere o, más bien, lá constitución de esse sujeito mediante esse apelativo degradante. Queer adquiere todo su poder precisamente a través de La invocación reiterada que lo relaciona com acusaciones, patologias e insultos”.

7 Para aprofundar esta leitura ver Bento (2006) e o site [www.rizoma.net/interna](http://www.rizoma.net/interna), no qual estão disponíveis vários textos e reflexões produzidos a partir da leitura *queer*.

8 Bento (2006) refere-se aos saberes “psi” que englobariam os espaços confessionais das clínicas de psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, etc.

9 Para Foucault (1979/2008, p. 244) o dispositivo é “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, **mediadas** administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo. v. 15, n. 2, (2021) ISSN: 1517-7602

produzindo efeitos sobre os corpos e as subjetividades” (BENTO, 2006, p. 78). E sendo a sexualidade construída a partir de determinados dispositivos, como ficariam as teorias e movimentos políticos que se aglutinassem em torno de uma identidade sexual?

Bento (2006) afirma que o terceiro momento dos estudos de gênero diz respeito à problematização da vinculação entre gênero, sexualidade e subjetividade, perpassada por uma leitura do corpo como significante em permanente processo de construção e múltiplos significados.

Butler (1990/2008) é uma referência ao problematizar como as teorias feministas que vinculam o gênero a estrutura binária, na qual há a pressuposição da heterossexualidade, tornando-se, desta maneira, uma referência nos estudos *queer* ao afirmar que os sexos não têm nenhuma validade ontológica e o gênero não é uma parte natural de uma pessoa, mas algo no qual elas devem estar constantemente sendo expostas e solicitadas a representar (as performances de gênero).

## SUJEITO, CORPO E MATERIALIDADE

Tomar a construção do sujeito como uma problemática política não é a mesma coisa que acabar com o sujeito; desconstruir o sujeito não é negar ou jogar fora o conceito; ao contrário, a desconstrução implica somente que suspendemos todos os compromissos com aquilo a que o termo “o sujeito” se refere, e que examinamos as funções lingüísticas a que ele serve na consolidação e ocultamento da autoridade. Desconstruir não é negar ou descartar, mas pôr em questão e, o que talvez seja mais importante, abrir um termo, como sujeito a uma reutilização e uma redistribuição que anteriormente [as mulheres] não estavam autorizadas (BUTLER, 1998, p. 24).

Em *Fundamentos contingentes: feminismo e a questão do “pós-modernismo”*, Butler (1998) questiona se as mulheres querem-se sujeitos com base no modelo que exige é produz uma região anterior de degradação, isto é, que se constrói a partir da exclusão, da oposição, da produção dos abjetos sociais, dos anormais, dos que escapam e subvertem a heteronormatividade, a inteligibilidade dos gêneros; ou

---

e o não-dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos”. Por sua vez, ampliando a compreensão do que seria o dispositivo, Deleuze (2005, p. 83) afirma que ele é “um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direcções, traçam processos que sempre em equilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a variações de direcção – está submetida a derivações. Os objectos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como vectores ou tensores”.



deveriam se tornar um processo que se propõe autocrítico acerca dos processos que produzem e desestabilizam as categorias de identidade?

Com sua questão, a autora convoca o movimento feminista a refletir sobre a necessidade de se falar enquanto mulher e pelas mulheres, de evocar uma representação, uma especificidade que agregaria todas as mulheres. A autora reconhece que, quando se invoca a categoria mulheres como se estivesse descrevendo a clientela que o feminismo fala, se inicia um debate interno sobre o conteúdo descritivo do termo, pois há quem diga que a ontologia feminina resida na maternidade, seja biológica ou social, assim como há quem destaque as manifestações das mulheres na comunidade ou seus modos de conhecerem. Mas quando se articula uma identidade há resistência, formação de facções dentro do movimento “unificado” ou sua completa rejeição.

Butler (1998) argumenta que, embora reconheça a dificuldade de construir uma política nos Estados Unidos (no Brasil talvez não seja diferente), cuja tradição é da representação, sem recorrer ao lobby da identidade, ressalta a importância de conciliar tal necessidade a autocrítica, pois “é certo que nem todas as mulheres são mães: algumas não podem sê-lo, algumas são jovens ou velhas demais para sê-lo, outras escolhem não sê-lo, e para algumas que são mães, esse não é necessariamente o ponto central de sua politização no feminismo” (BUTLER, 1998, p. 24).

A autora afirma que é fundamental pensarmos as categorias de identidade não como meramente descritivas, mas sempre normativas e, por isso, exclusivistas. Todavia, não refuta o uso do termo mulheres, destaca a importância de pressupor que o termo “mulheres” designa um campo de diferenças indesignável, que não pode ser totalizado ou resumido por uma identidade descritiva. De fato, o termo precisa se tornar um lugar de permanente abertura e ressignificação.

Assim, o sujeito de feminismo não deve ser morto ou descartado mas, ao contrário, é preciso “liberar o termo num futuro de múltiplas significações, emancipá-lo das ontologias maternais ou racistas às quais esteve restrito e fazer dele um lugar onde significados não antecipados podem emergir” (BUTLER, 1998, p. 25). O sujeito, para a autora, seria este alguém que não se definiria por ontologias, naturais ou essencialistas. Assim, ele não estaria restrito a suposta diferença anatômico-fisiológica, anterior a linguagem, pré-discursiva, nem mesmo uma folha branca ou

corpo nu aguardando as marcas da cultura, dos gêneros. Tais elementos “naturais” ou “culturais” que descrevem os corpos e marcam identidades, lugares, papéis, trânsitos, relações sociais etc., não seriam desprezíveis, mas, de fato, prescrições das normas.

Não há um sujeito feminino (masculino, transexual, pai, etc.) por de trás das especificidades, expressões e marcas que decorrem desta identidade de gênero. Para a autora, conceber isso seria reiterar a ontologia, natural ou essencial, em torno dos gêneros, do sexo. As “especificidades”, “expressões” e “marcas” supostas enquanto resultados são elas próprias elementos que constituem o sujeito feminino, são performances que estabilizam o sujeito numa coerência dos gêneros, na inteligibilidade social de gêneros, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura cristalizada e binária, são efeitos de práticas reguladoras que visam produzir uma substância, um ser “mulher”, um sujeito feminino.

Butler (2001) facilita nossa compreensão ao argumentar que o que está em jogo na reformulação da materialidade é o seguinte:

- (1) A remodelação da matéria dos corpos como efeito de uma dinâmica do poder. Ou seja, a matéria dos corpos é indissociável das normas regulatórias que governam sua materialização e a significação dos efeitos materiais;
- (2) A performatividade (que será trabalhada adiante) como efeito do poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele mesmo regula e constrange;
- (3) A construção do sexo não como um dado natural sobre o qual o construto do gênero é artificialmente imposto, mas como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos;
- (4) A norma corporal não é assumida, apropriada, adotada pelo sujeito, o “eu” falante é formado em virtude de ter passado pelo processo de assumir um sexo;
- (5) O sujeito é formado através da força da exclusão e da abjeção (noção que será esclarecida adiante), ou seja, os meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual se reitera possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras (as abjetas) identificações.

Butler (1998) submete a noção de corpo e de materialidade à mesma crítica desconstrutiva a qual submeteu o sujeito feminino. Mas como conceber a desconstrução de algo tão real e palpável? O corpo e sua materialidade, suas características anatômico-fisiológicas, a diferença dos sexos, o pênis e a vagina. A autora, a princípio, afirma que “problematizar a matéria dos corpos acarreta, em primeiro lugar, uma perda da certeza epistemológica” (BUTLER, 1998, p. 26). O corpo é postulado ou significado como prévio, anterior a significação, pré-lingüístico. Mas essa significação funcionaria mediante a produção de um efeito de seu próprio procedimento, ou seja, se o corpo significado como prévio a significação é um efeito da significação, então, o estatuto mimético ou representativo da linguagem para a qual o signo segue os corpos como seus espelhos necessários seria um equívoco, pois de forma alguma há mimetismo. O ato de significação é constitutivo, performático, produtivo do corpo que então se afirma como anterior a significação.

Ao falar de corpo nos textos citados no início deste artigo<sup>10</sup>, a autora destaca a diferença sexual (o pênis e a vagina, o escroto e útero, como alguns exemplos) argumentando que ela nunca é simplesmente uma função de diferenças materiais que não sejam marcadas e formadas por práticas discursivas, ao mesmo tempo. Por isso, o que ditaria a diferença entre os dois, a categoria “sexo” é, desde o início, normativa.

O “sexo” não apenas funcionaria como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer circular, diferenciar – os corpos que controla. Assim o “sexo” é um ideal regulatório cuja materialidade é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. [...] o “sexo” é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é simples fato ou condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas (BUTLER, 2001, p. 153-154).

Butler (2001) é precisa nesta citação ao evidenciar como a categoria “sexo” produz e regula a **inteligibilidade** da **materialidade** dos corpos. Nestes dois momentos, a categoria impõe uma dualidade e uma uniformidade sobre os corpos a fim de manter a sexualidade reprodutiva como uma ordem compulsória. Isso se daria não de maneira estável, mas processualmente, ou seja, a materialidade do corpo é processual. É reiterada diariamente, a todo momento (por exemplo, as

10 Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade, Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-moderno e Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo (BUTLER, 1998; 2008; 2001).

portas dos banheiros com seus símbolos que “representam” o masculino e o feminino, ao mesmo tempo, dividem, organizam e instituem que eles usem miquitórios e elas usem privadas para como se homens não pudessem urinar sentados e não se espera que a mulher o faça em pé) e em diversos espaços sociais. No entanto, o fato da reiteração ser necessária torna evidente que seu caráter nunca é totalmente completo, ou seja, os corpos não se conformam completamente as normas pelas quais suas materializações são impostas.

Nesse sentido, Butler (2001) argumenta que são justamente as instabilidades, as brechas e fissuras, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse mesmo processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a própria força hegemônica daquela mesma lei regulatória<sup>11</sup>.

Diante desta conclusão, a autora se questiona: como a noção de performatividade de gênero se relaciona com tal concepção de materialização?

## AS PERFORMANCES DE GÊNERO

O fato de a realidade de gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são construídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performático do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 1990/2008, p. 201).

Bento (2006) afirma que pensar as relações entre gênero e corpo parece ser uma das preocupações centrais da obra de Butler, e de outras feministas *queer*. O pensar é aqui usado no sentido de problematizar os processos que se articulam para dar a tal relação uma aparência a-histórica e destituída de conteúdo político.

O gênero precisa ser analisado como uma sofisticada tecnologia social heteronormativa que é operacionalizada pelas instituições médicas, linguísticas, domésticas, escolares, que produzem constantemente corpos-homens e corpos-mulheres. A heterossexualidade, assim, constitui-se como uma matriz que cultiva, confere sentido e legitimidade as diferenças sexuais “existentes” nos corpos

---

11 Um exemplo desta afirmação pode ser encontrado no brilhante trabalho de Berenice Bento (2006) produzido a partir das experiências dos/as transexuais que se submetem ao tratamento para mudança do corpo, cirurgicamente ou não. Para a autora, os/as transexuais interrompem a linha de continuidade e coerência que se supõe natural entre corpo, sexualidade, cuja heterossexualidade é a matriz que lhe confere inteligibilidade de gêneros e, assim, abrindo espaços para produção de fissuras pelas quais os contra-discursos podem passar e liberar o gênero do corpo-sexuado.

enquanto aparências “naturais” e dispositivos naturais da heterossexualidade dos mesmos.

A autora, a partir da leitura de Butler, argumenta que é a partir de reiterações contínuas em torno das supostas “diferenças” sexuais existentes nos corpos – que se realizam mediante interpretações em ato das normas de gênero –, que os corpos adquirem sua aparência de gênero, assumindo-se como corpo-homem ou corpo-mulher em uma série de atos que são renovados, revisados e consolidados no tempo. Para Bento (2006) é isso que Butler chama de performatividade de gênero.

Talvez, a noção de performances de gênero (BUTLER, 1990/2008) seja a que materialize a grandiosidade e o radicalismo do pensamento de Butler. Ao desnaturalizar e dessencializar os gêneros, os sexos e as sexualidades outrora fixadas na materialidade do corpo, a autora argumenta que tais elementos não são intrínsecos, mas se constituem nas performances de gênero (naquilo que a estrutura heterossexual normatiza como masculino e feminino) que produzem a suposta materialidade do corpo e sua pretensa coerência e estabilidade de gêneros, sexos e sexualidade.

A performatividade não é um “ato” singular ou deliberado mas, ao contrário, uma prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. As normas regulatórias de “sexo” trabalham de uma forma performática a fim de construir a materialidade dos corpos, ou melhor, para materializar o sexo do corpo, a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heteronormativo.

Para Butler (2001) o que constitui a fixidez do corpo, seus contornos, sensações, delineamentos e movimentos é plenamente material, mas tal materialidade precisa ser repensada como efeito do poder, como efeito mais produtivo do poder. Ou seja, o “sexo” precisa ser compreendido em sua normatividade e não separado da materialidade do corpo, isto é, da materialização da norma regulatória.

Bento (2006), a partir de Butler, argumenta que antes de nascer o corpo já está inscrito em um campo discursivo determinado com expectativas estruturadas em uma complexa rede de pressuposições sobre seu comportamento, gostos e subjetividades que acabam por antecipar o efeito que se suponha causa. Por exemplo, quando um médico, após uma ultrasonografia, afirma: “é um menino” ou “é uma menina”, não está descrevendo um dado constatado, mas produzindo uma

invocação performática que amarra as possibilidades e os limites performáticos de gênero nesse ato fundacional. Ou seja, a partir do “é um menino”, instala-se um conjunto de expectativas e suposições em torno do corpo, sendo em torno delas<sup>12</sup> que se estruturam as performances de gênero, prescrevendo o que seria mais natural, o mais apropriado para ele.

O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2001, p. 155).

“Alguém” se torna viável pelo sexo; é ele que qualifica um corpo para vida inteligível, para a vida humana. De fato, ele é humano por ter um sexo estável, coerente com as performances de gênero que se espera ou se supõe a ele amarrados. “Há uma amarração, uma costura, ditada pelas normas, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação” (BENTO, 2006, p. 89). Uma experiência parece ilustrar o quanto as performances de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas à margem, encaradas como abjetas ao não romperem a suposta coerência e estabilidade.

Estava no cinema assistindo o filme a Era do Gelo 3<sup>13</sup>. Neste filme há um personagem chamado Sid, a preguiça, que é um de três amigos (Diego, um tigre dentes de sabre, e Manny, um manute) que se desentendem quando um deles (Manny) constitui sua própria família (com Ellie, outra manute, que está grávida) e outro (Diego) decide não querer fazer parte dela, pois acredita que o convívio em bando lhe está deixando menos selvagem. Após a separação, Sid parte a procura de novos amigos, de uma nova família. Em sua jornada encontra três ovos e assume-os como sendo seus “filhos”, embora seu amigo (Manny) afirme que ele é um péssimo pai já que pegou ovos que pertenciam a alguém. Não obstante, Sid permanece, especialmente, depois que percebe que dentro deles há vida (pela incidência de luz sobre os ovos que permite que veja siluetas). Quando os ovos se quebram, para a sua e nossa surpresa, nascem três dinossauros que imediatamente avançam sobre Sid chamando-o repetidas vezes de “mamãe”. Por sua vez, quando

12 Expectativas e suposições que se materializam em brinquedos, desejos, cores, modelos de roupas, time de futebol, projetos para o futuro filho antes mesmo de este corpo vir ao mundo.

13 Era do Gelo 3 (Ice Age: Dawn of the dinosaurs). 96 min. EUA (2009).

o vemos ser afagado por “seus” filhos, Sid, com um sorriso na cara, diz: “eu sou mamãe”.

Não destacarei outras cenas do filme, afinal, neste artigo não objetivo fazer interpretação ou análises das performances de gênero presentes no mesmo, mas sim o que ocorreu na fileira defronte a qual estava sentado. Após a cena que descrevo, uma criança falou para uma senhora: “mãe, ele não pode ser mamãe... ele é homem, é papai”. A dúvida da criança é respondida sucintamente: “é porque ele é doido”.

Como nos ensina Butler (1998; 1990/2008; 2001), é o sexo que torna “alguém” viável, inteligível para a vida humana. Ou melhor, quando o corpo reflete o sexo e o gênero sutura a relação entre ambos, sugerindo uma estabilidade e coerência, alguém se torna viável, pertencente à inteligibilidade de gênero, a matriz heterossexual. Sid, a preguiça, é apresentado no filme como um corpo-homem, mas ao se reconhecer como mamãe acaba por gerar uma fissura na estabilidade e coerência supostas, pois sendo um corpo-homem, deveria ser um papai e não uma mamãe. O diagnóstico da mãe acerca do comportamento de Sid é perfeito se considerarmos a noção de abjeto, pois o louco, o doido, o doente mental é o oposto da coerência e estabilidade.

Segundo Butler (2001) o termo pretende designar precisamente as zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social que são densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, pois não se enquadram ao fazerem tremer a estabilidade e coerência entre corpos sexuados e a ordem dos gêneros; de fato, subvertem-na com performances que não refletem seus corpos-homens ou corpos-mulheres. Entretanto, os abjetos são necessários para que o domínio do sujeito seja circunscrito: “a formação do sujeito exige uma identificação com o fantasma normativo do sexo: essa identificação ocorre através de um repúdio que produz um domínio de abjeção, um repúdio sem o qual o sujeito não pode emergir” (BUTLER, 2001, p. 156).

São as performances de gênero que suturam, amarram a relação entre corpo e sexo, produzindo o efeito de estabilidade e coerência que se julga serem suas causas. Elas não se processam a partir de um marco singular que ocorre no tempo, são sempre um processo temporal que atua através da reiteração de uma norma ou conjunto de normas, sendo que a partir do momento que adquiri o status de ato no

presente, “ato” singular e apropriação por parte do sujeito, oculta ou dissimula sua historicidade, as convenções das quais ela é uma repetição. As performances possuem uma teatralidade, não no sentido de serem falsas, mas justamente porque ganham certa inevitabilidade que decorre da impossibilidade de uma plena revelação de sua história, dos critérios de sua inteligibilidade que produziram e submetem os corpos.

## **MAIS ALGUMAS (BREVES) CONSIDERAÇÕES**

Sem dúvidas, após uma aproximação (mesmo breve) do pensamento de Butler, somos solicitados a não mais permanecer o mesmo diante da questão gênero ou dos problemas de gênero. Enfim, não passamos impunes ao tentarmos compreender suas afirmações e mergulharmos em suas problematizações. O sistema binário dos gêneros fortemente marcado em nossos corpos, assim como nos discursos universalizantes e pluralistas do feminismo, foi analisado pela autora que afirma que o mesmo produz e reproduz as ideias, a crença, a suposição de que o gênero espelha o sexo e que todas as outras esferas constitutivas dos sujeitos estão amarradas a tal espelhamento.

Todavia, Butler (1990/2008; 1998; 2001) afirma que a condição de gênero é formulada como algo independente do sexo cujo processo de formulação, de invenção, de regularização dá-se a partir da reiteração de performances de gênero que interpretam em ato as normas de gênero, fazendo com que o gênero exista como condição. Ou seja, “o gênero adquire vida a partir das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo” (BENTO, 2006, p. 90). Bento (2006) afirma que as infundáveis e cotidianas repetições das performances funcionam como citações, pois cada ato é uma **citação** das convenções verdadeiras estabelecidas para os gêneros (“mulheres são frágeis”, “homem não chora”, “mulher é sentimento”, “meninos não namoram meninas”, por exemplo) cujos fundamentos estão amarrados na suposta determinação natural de suas existências.

Obviamente que Butler produz suas grandiosas argumentações e indagações a partir do confronto de ideias de autores e autoras que cita, ressalta, lê e re-lê ao



longo de suas obras, em especial, as três<sup>14</sup> aqui diretamente analisadas; e por meio de leituras únicas, produz fissuras pelas quais sua originalidade atravessa e amplia os horizontes – ou até construindo outros – no que tange as discussões sobre gênero.

Para Bento (2006), Butler apoia-se na tese de citacionalidade de Jacques Derrida<sup>15</sup> quando diz que “um ato performático é aquela prática discursiva que efetua ou produz aquilo que nomeia” (BUTLER, 2001, p. 167). A partir da obra do autor, afirma que o que caracteriza a escrita é o fato de que uma mensagem precisa, para que ela funcione enquanto tal, ser reconhecível e legível na ausência de quem a escreveu e mesmo na de um suposto destinatário, conferindo-lhe um caráter de independência. Assim, um enunciado performático qualquer (“bicha”, “sapatão”, “homem precisa honrar o que tem no meio das pernas”, “homens amam as mulheres”), para ser bem sucedido, precisa citar um enunciado “codificado” ou repetível.

Obviamente que o poder de efetuar ou produzir não é em virtude do sujeito nem de sua vontade, mas pela mensagem ser sempre derivativa, ou seja, a performatividade adquire autoridade para produzir o que nomeia a partir do momento que cita as convenções. Em outras palavras, “embora a intenção do ato não desapareça, ela não comandará todo o sistema e toda a cena de enunciação, uma vez que essa cena encontra-se ‘amarrada’ a uma série de enunciados vinculados” (BENTO, 2006, p. 91).

Para a autora, Butler apropria-se das reflexões de Derrida, especialmente da teoria da citacionalidade, e de J. Austin acerca dos atos de fala. Ou seja, da capacidade da linguagem de não apenas descrever a realidade, mas de construí-la por meio de atos. Por exemplo, as imagens nas portas de um banheiro de um homem e uma mulher, uma bengala/cartola e chapéu/luas ou Charles Chaplin e Marilyn Monroe, não apenas descrevem os elementos que representariam o homem-masculino e a mulher-feminino mas, de fato, ao fazer isso, determina os sexos daqueles/as que estão autorizados, segundo convenções, de adentrar em cada banheiro; e as imagens nas portas dos banheiros determinam também a disposição do espaço e dos mictórios, pois no espaço destinado aos homens há um

---

14 Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade (1990/2008), Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-moderno (1998) e Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo (2001).

15 Especialmente na obra *Limited Inc.*

predomínio de mictórios semiabertos e suspensos já que se convencionou que eles urinam em pé enquanto no espaço da mulher só existem mictórios privadas e assentos porque as mulheres devem urinar sentadas.

Para o autor a linguagem possui capacidade performática, funciona como um ato de linguagem que instaura a realidade. Bento (2006) argumenta que Butler faz uma leitura dos atos de fala para problematizar os processos de construção dos gêneros a partir do momento que trabalha com os atos linguísticos enquanto modalidades de um discurso que estão inseridos/legitimam uma matriz heteronormativa, cujos efeitos produzidos nos corpos autorizam certas performances, castigam ou eliminam outras, a partir do processo de reiteração. Em outras palavras, “o poder que tem o discurso para realizar aquilo que nomeia está relacionado com a performatividade, ou seja, com a capacidade de os atos linguísticos citarem reiteradamente as normas de gênero, fazendo o poder atuar como/e no discurso” (BENTO, 2006, p. 46).

Outro autor basilar para a Butler pensar a construção de gênero é Foucault, especialmente, a noção de genealogia do saber e do poder. Para a autora, como já foi aqui sugerido, a história do corpo não pode ser separada ou deslocada dos dispositivos de construção do biopoder, haja vista que ele é um arquivo vivo da história do processo de produção-reprodução sexual que se articula, a partir do século XIX, por meio de uma rede heterogênea que engloba o discurso científico, passando pelas leis e medidas administrativas até as organizações arquitetônicas, por meio dos quais certos códigos são naturalizados enquanto outros são ofuscados ou/e sistematicamente eliminados, postos a margem do humanamente aceitável – os abjetos. Afinal, a crítica de Foucault acerca do sexo enquanto categoria que desde o início é normativa, de fato, o ideal regulatório, é imprescindível para o trabalho de Butler.

De fato, após uma leitura mesmo que breve do trabalho de Butler, descobre-se que destacar influências filosóficas presentes em seu trabalho é uma tarefa árdua e perigosa se assumida no sentido de inseri-la em um tronco filosófico ou que busque razões que a expliquem sua originalidade. Aqui, não se pretendeu nada disso, mas apenas possibilitar um conhecimento maior da obra da autora, já que ela se tornou, como afirma Bessa (1998), imprescindível para o estudo atual em torno do gênero e da sexualidade, especialmente, porque ao formular o gênero como uma

repetição estilizada das normas de gênero que sustentam e reforçam as identidades hegemônicas, possibilitou a abertura para a inclusão de experiências de gênero que estão além de um referente biológico, do “contexto natural” dos sexos, e a emergência de práticas<sup>16</sup> que interrompem a reprodução das normas de gênero.

## REFERÊNCIAS

BARBIERE, T. *Sobre a categoria gênero: uma introdução teórico-metodológica*. Recife: SOS Corpo: Gênero e Cidadania, 1993.

BENTO, B. *A reinvenção do corpo*. Sexualidade na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BESSA, K. Posições de sujeito, atuações de gênero. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro. V. 6. N° 1. 1998. p. 34-46.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2 ed. Rio de Janeiro, 1990/2008.

\_\_\_\_\_. Críticamente subversiva. In: Jiménez, Rafael M. Mérida (Org.) *Sexualidades transgresoras: uma antologia de estudios queer*. Barcelona: Icaria, 2002. p. 55-172.

\_\_\_\_\_. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-moderno*. Cadernos Pagu. N° 11. 1998. P. 11-28.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: \_\_\_\_\_. *O mistério de Ariana*. 2 ed. Lisboa: Passagens, 2005. p. 83-96.

---

16 Especialmente aquelas que Butler considera como “performatividade *queer*”, segundo Bento (2006). Certas performances implodem as expectativas, coerências e estabilidades em torno de gênero, sexualidade e corpo, por exemplo, vagina-mulher-emoção-maternidade-procriação-heterossexualidade e pênis-homem-racionalidade-paternidade-procriação-heterossexualidade. Associações quase naturais que ao serem (e sempre são) questionadas se evidencia sua condição histórica.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 26 ed. Rio de Janeiro: Graul, 1979/2008

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. v. 20, nº 2, jul/dez, 1995. p. 71-99.

SUSANN, Jackien. *Teoria queer*. Disponível em [www.rizoma.net/interna](http://www.rizoma.net/interna).